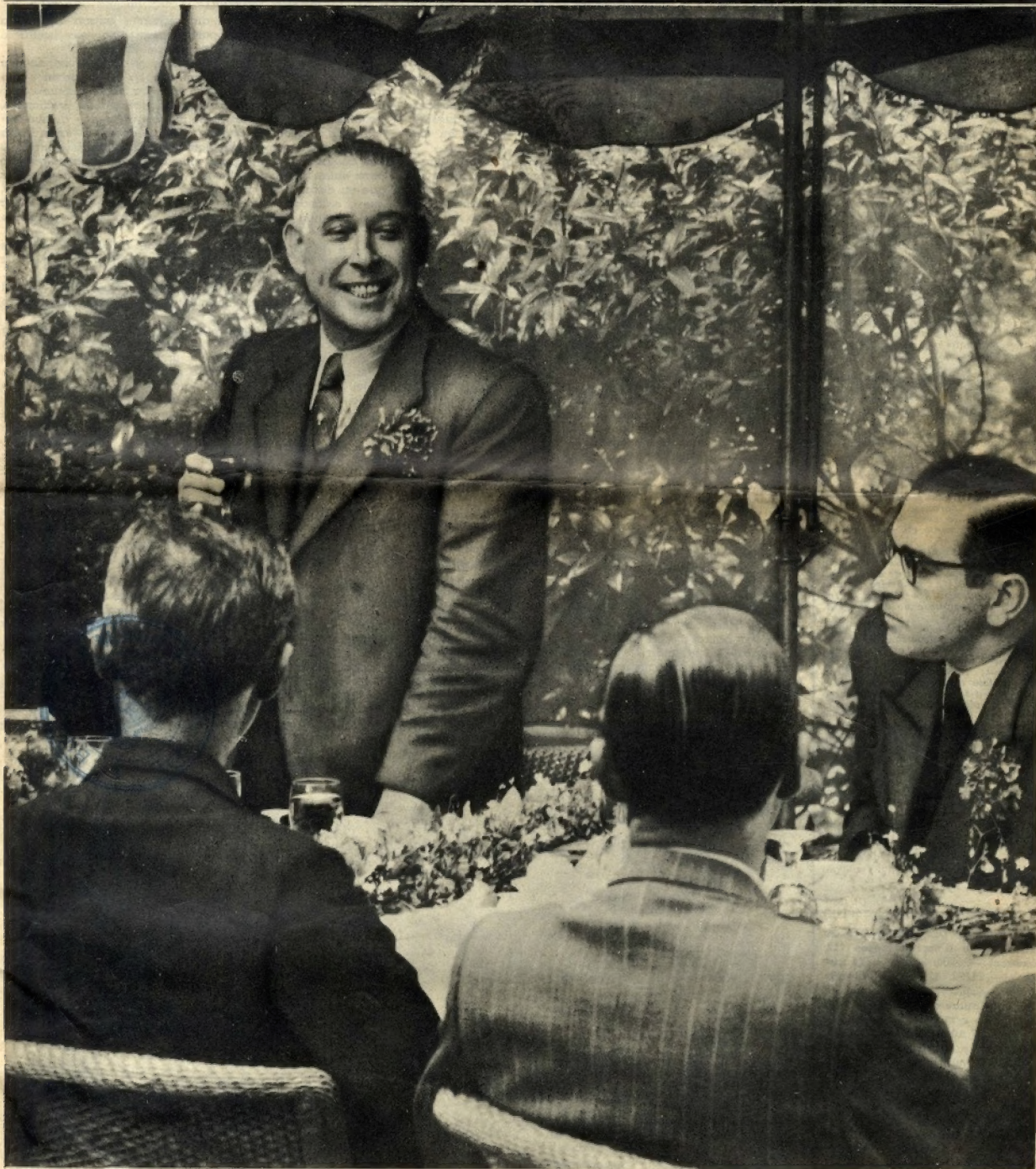
ANO I — N.º 4 — 12 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

Vida Mundial Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O sr. eng. Rodrigues de Carvalho, presidente interino da Câmara Municipal de Lisboa, fallando aos jornalistas durante o almôço oferecido pelo Município, na Tapada da Ajuda, quando da visita aos grandes melhoramentos da cidade — bases para o lançamento duma nova, arejada e bonita cidade.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

FILOSOFIA

Encontrei ontem, em plena rua do Ouro, um amigo a quem, neste momento, por comodidade de expressão, chamarei o dr. X. Êste dr. X. é um homem que não envelhece. Tem, é certo, uma calva resplandescente, mas mesmo essa calva está longe de ser velhice: é apenas viçosa bonhomia. Durante muito tempo, confesso, atribui, em grande parte, a sua eterna jovialidade física e espiritual a determinadas circunstâncias que rodearam o seu nascimento. Na verdade, o dr. X nasceu em Maio, por conseqüência em plena primavera; nasceu a um domingo, por conseqüência em pleno descanso; nasceu ao som da música do Regimento de Infantaria 1, por conseqüência, em pleno «passe-doble». Por estas razões, pensava eu, a sua existência, não obstante as naturais vicissitudes inerentes a tôda a existência humana, revestira-se sempre dessa risonha filosofia e dessa inefável resignação que constituem, de facto, a maior virtude da arte de saber viver. As razões, porém, eram outras e delas ontem tive conhecimento. O dr. X. adoptara, há muito, uma teoria de optimismo para uso próprio que lhe dava excelentes resultados: a chamada teoria do grande Sepúlveda — pela qual devemos sentir-nos felizes e agradecer à Providência mesmo as situações embaraçosas em que, por vezes, nos encontramos, lembrando-nos que ainda poderia ser muito pior... O dr. X. explicou:

— Se a maioria das pessoas conhecesse a sua teoria de optimismo, decerto a existência lhe correria melhor. «Nos momentos mais graves da nossa vida — êle o afirmou — não devemos pensar naquilo que nos aconteceu, mas naquilo que nos poderia ter acontecido». Teoria baseada numa simplicidade leve e tocante e, a-pesar disso, ou por isso mesmo, de infalíveis resultados desvanecedores.

— O difícil, parece-me, é aplicá-la no momento oportuno...

— Engano. Se essa própria teoria nasceu precisamente da oportunidade dum momento!

Na névoa luminosa da tarde, a Lisboa elegante das cinco horas passava, saltitando, numa leveza de andorinha. Encostámo-nos à ombreira duma porta; acendêmos um cigarro e, enquanto o fumo subia no ar, o dr. X. contou-me:

— Certo marido ao regressar inesperadamente a casa encontrou a mulher nos braços dum amigo íntimo. Passou-lhe uma sombra vermelha pelos olhos; foi ao escritório; tirou uma pistola da gaveta da secretária; desfechou-a sôbre a mulher e sôbre o amigo; e voltando em seguida a arma contra si, deu um tiro na cabeça. Durante dias, êste doloroso drama de família alvoroçou tôda a cidade sentimental. Apenas Sepúlveda sorriu tranqüilamente, torcendo o bigode: — «Paciência! Podia ser pior!» E explicava: — «Eu também tinha amores com essa senhora. Então se fôsse eu o morto ultrajado não teria sido, de facto, muito pior?»

E o dr. X., despedindo-se de mim, exclamou:

— Em meia dúzia de palavras, meu amigo, estava lançada a teoria optimista do grande Sepúlveda, fonte do mais puro humorismo...

E afastámo-nos.

L. O. G.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.
Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand, (Irmãos), L.da — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.° — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Uma página da minha vida

por Maria Mattos

TINHA eu saído do Conservatório havia pouco tempo. A minha estreia no teatro não fôra boa nem má. A peça, um poema em verso, não tivera um êxito por aí além.

Todavia, as pessoas que me olhavam, senão com simpatia, pelo menos com bons olhos, teimavam em reconhecer em mim qualidades apreciáveis para o teatro; a questão era encontrar peça em que eu me revelasse.

E foi então que um dia André Brun me apareceu. Acreditava êle também nos méritos desta actriz incipiente que, para mais, era tímida e acanhada, não lhe valendo, para se mostrar atrevida e audaciosa, o curso excepcionalmente premiado, a interpretação tão louvada das «Rosas de todo o ano», e os constantes vaticínios de mestres queridos.

Pensou André Brun em traduzir para mim um acto de André Theuriet, e, uma tarde, no palco do Nacional, que eu pisava com respeito e recolhimento, a tímida actrizinha que, de mais a mais, nada devia à formosura, vê aproximar-se dela, rôlo debaixo do braço, um janota, pequenino, aperaltado, flamante, de fato claro e cravo na lapela.

A peça para eu me revelar tinha aparecido, estava ali, e era êle, aquele rapaz espirituoso e inteligentíssimo, que ma vinha confiar, trazendo-me a oportunidade da minha consagração! A mocidade é confiante! E o simpatiquíssimo Brun, tendo para lhe interpretar os belíssimos versos da sua cuidadosíssima tradução a via láctea luzenta das estrêlas do Nacional, lembrara-se de mim, da pobre pequena vestidinha de escuro, sem denguices, sem arrebiques, vivendo só para a sua Arte, para a sua Mãe e para os seus livros! Onde há aí palavras que comentem êste acto heróico e benemérito de André Brun?!

A peça foi recebida no Nacional com o cepticismo do costume. Fervilharam a troça, os risinhos e choveram os bons ditos a propósito de mim e dêle. E eu lá fui para a cena trémula e receosa, como que a todos pedindo desculpa da minha irreverência. Tudo acabou bem. Houve até quem gostasse; o Brun mostrava-se satisfeito; eu, não.

Além de não fazer a mínima ideia do agrado da representação, acontecera-me uma coisa desagradabilíssima: eu tinha que cantar em cena uma balada triste e dolente. A música não era feliz, e eu, cheia de nervos, sem ninguém que me desse o tom, atacara a primeira nota numa tonalidade tão baixa que a breve trecho mais parecia estar a entoar o «De profundis», com grande gáudio dos que no palco assistiam e não menos espanto, com certeza, dos que estavam na plateia. Tirando isto, parece que o espectáculo não correra mal.

O Brun, como bom militar, se não ganhara a batalha, também não considerava aquilo uma derrota, e não me faltou — generoso amigo! — com cumprimentos e parabens, e palavras de carinhoso incitamento. Até aqui, vai tudo muito bem.

O pior foi quando, no dia seguinte, pessoa de família avêssa à minha entrada para o teatro, me veio mostrar o que diziam de mim num dos jornais da manhã!

O meu desgôsto não pode descrever-se. O crítico, homem ilustre, de posição em evidência, depois de descrever o que fôra a minha fúnebre actuação na peça, fazia a enumeração de todos os meus defeitos e total ausência de predicados, terminando por me aconselhar paternalmente a que recolhesse a penates, dando por bem paga a experiência feita e, como consolação, lembrava que, quási sempre, a par da falta de geito para uma coisa, existe a disposição para outra, parecendo-lhe por tudo quanto em mim se via que eu deveria dar uma óptima dona de casa; e mostrava-me a satisfação tranqüila que eu experimentaria, sentada num cantinho discreto e simpático, passajando e compondo calcanhares de peúga!

O golpe foi rude, como se pode calcular. Depois de passar metade do dia desfazendo-me em lágrimas, vi, à luz que se fizera no meu espírito, o caminho a seguir.

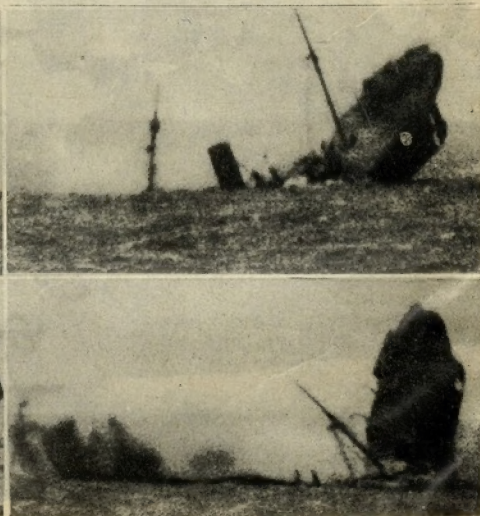
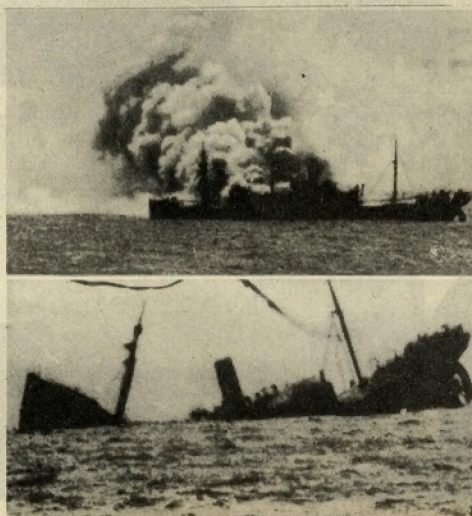
E, não sem mágoa, confesso, mas corajosamente, resolvi desaparecer da cena dêste mundo, já que na cena do outro fizera tão triste figura.

E, é claro, para que me susbstituisse, dei conta ao Brun dêste meu propósito. Êle olhou-me com estranheza, com olhos compassivos e cheios de admiração, não sei se pela candura da minha sinceridade, se pela clareza de vistas do crítico sincero, e depois dum momento de silêncio em que pareceu reflectir, exclamou:

— «Minha querida amiga, a sua resolução é nobre, se bem que um pouco violenta; e creia que eu teria muito gôsto em acompanhá-la, mas o diabo é que, nesta altura, faz-me um bocado de transtôrno. Porque não espera um pouco? Bem vê, a todo o tempo é tempo de se fazer essa viagem e talvez então eu esteja mais livre.»

Acabei por me rir, é claro.

Dias depois recebia eu uma longa carta dêle, sensata e amiga, em que a sua bondade me exortava a prosseguir com fé no caminho encetado, certo de que triunfaria. E prossegui; e cá estou.

Mais tarde, numa noite gloriosa para êle e para mim, ao descer do pano na última cena da «Vizinha do lado», quando ainda aos nossos ouvidos ressoavam quentes e vibrantes os aplausos com o público aclamara o nosso triunfo, foi alegremente que recordámos aquele episódio tragi-cómico da nossa vida artística. É com lágrimas de pura saüdade que o recordo hoje, quando há tantos anos já que êle partiu sem que eu tivesse a cortezia de me oferecer sequer para o acompanhar, para essa viagem donde caminhante algum voltou ainda. E, quem sabe?! Talvez voltemos a recordá-lo um dia, não sei bem em que estado de espírito, nesse país ignoto onde, fatalmente, nos viremos a encontrar!

A BATALHA DO ATLÂNTICO — Os quinze minutos que decorrem entre o torpedeamento e o afundamento de um barco

O CHEFE DO ESTADO assistiu às provas finais de educação física da Escola do Exército. Vêmo-lo, em cima, à esquerda, à sua chegada àquêle estabelecimento de ensino; e, à direita, no campo de jogos, assistindo aos exercícios, com os srs. generais Tasso de Miranda Cabral e Amilcar Mota e outros oficiais superiores.

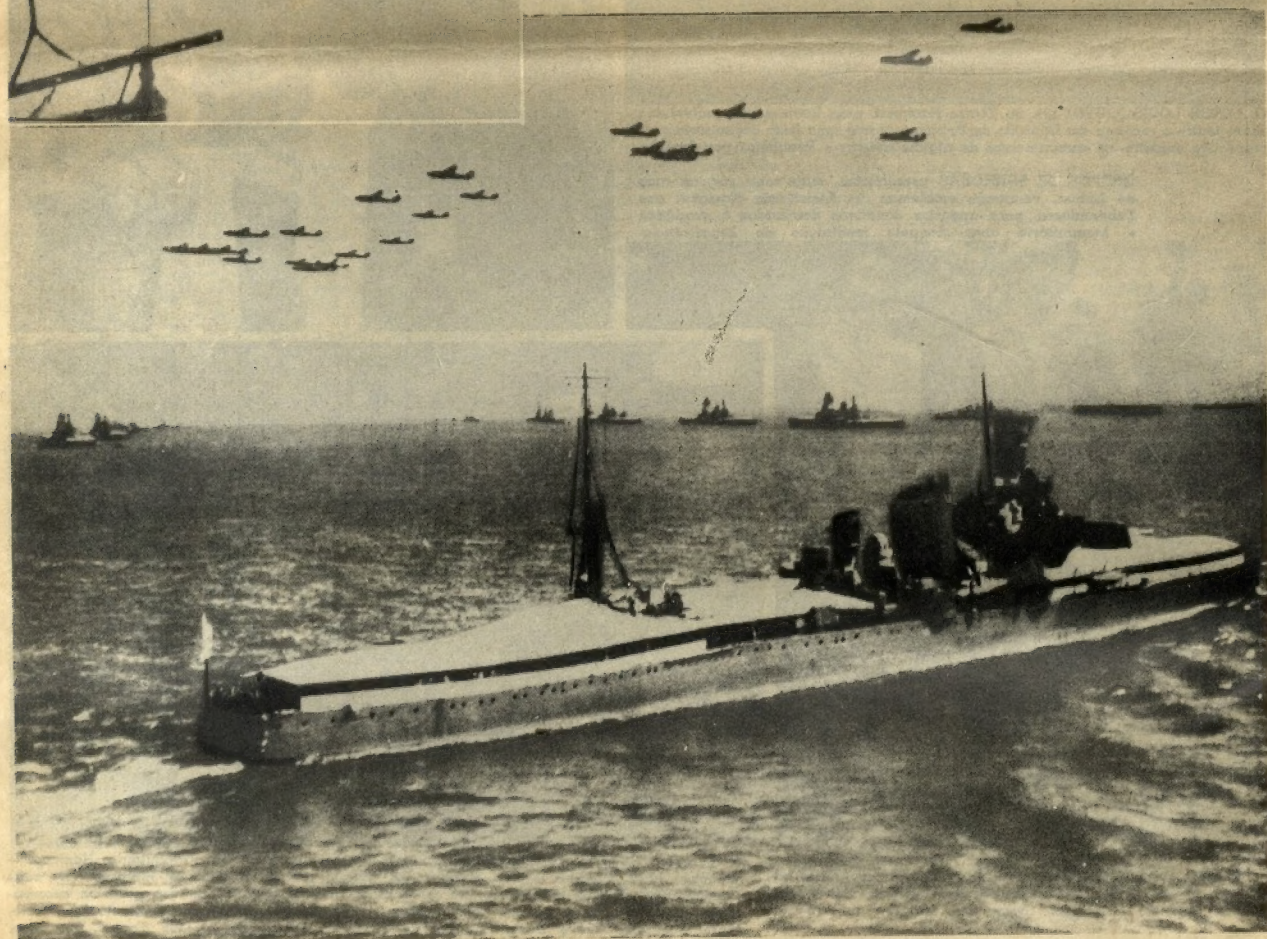
O ACTOR LOUIS JOUVET fêz, no Teatro Nacional, uma interessante conferência sôbre teatro e recebeu, na Legação da França, durante uma festa organizada pelo respectivo ministro, os cumprimentos de alguns artistas e jornalistas portuguêses.

GRUPOS DE SENHORAS percorreram, mais uma vez, as ruas de Lisboa, vendendo emblemas da Assistência Nacional aos Tuberculosos, para angariar donativos destinados à simpática e humanitária obra daquela instituição de beneficência.

PORTUGAL, ZONA DE PAZ, dá agora refúgio a um grupo de crianças de diversas nacionalidades que gozam, entre nós, de um repouso merecido, livres dos horrores da guerra.

O TEATRO DO POVO — magnífica iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional — começou já a percorrer o país, levando às vilas e aldeias o encanto espiritual dos seus espectáculos. A foto mostra-nos um instantâneo colhido na noite da sua primeira apresentação em Lisboa, antes da sua partida para a província. Nela se vêem os srs. António Ferro, Mário Marques, Matos Sequeira, Luiz de Oliveira Guimarães e Luiz Forjaz Trigueiros.

O JAPÃO potencia naval

O IMPERADOR DO JAPÃO, de bordo dum navio de guerra, observa as manobras da sua esquadra. A Armada japonesa, está inactiva desde a conquista do litoral chinês.

A resistencia do povo de LONDRES

UMA FAMILIA DUM BAIRRO POBRE DE LONDRES vai, após o bombardeamento dos aviões alemães, ver o sítio onde fôra a sua casinha. Do lar destruido, restam só, aqui e ali, entre as pedras, os tijolos e os montes de caliça, algumas recordações. «Isto era a porta de meu quarto», «aquêle era o espelho da mãezinha», «além está um pedaço da cama do menino»... Olha-se, com tristeza, para tudo. Mas a guerra é a guerra. E é preciso recomeçar, é indispensável honrar a memória do pai que, menos feliz, foi apanhado pela explosão da bomba — e lá ficou. Eis um exemplo da admirável resistência dos londrinos, resistência heróica que tem enchido de assombro e tem feito curvar de admiração o Mundo inteiro.

NA CATEDRAL DE S. PAULO, uma bomba perfurou a abóbada e destruiu o côro e grande parte do altar-mor da igreja.

MAS O INGLÊS É TENAZ E OPTIMISTA. E, apesar dos «raids» alemães, a vida continua. Em cima, à direita, vemos uma cena curiosa: um estabelecimento, destruido por uma bomba, instalou uma sucursal — ao ar livre...

O CAFÉ DE PARIS era um dos locais mais alegres e frequentados da capital inglesa. Duas bombas destruiram-no, quási totalmente. O chefe do «jazz» «Snake Hips», o maestro Johnson, morreu na explosão. Da sua orquestra, como se vê na foto, à direita, só se aproveitou uma guitarra hawaiana. Mas os londrinos voltaram a freqüentá-lo após acabadas as indispensáveis obras de beneficiação.

calçada da glória...

RUI COELHO

UMA tarde destas, em certa pastelaria do Rossio, um grupo discutia a música de Rui Coelho. Uns aplaudiam-na; outros criticavam-na. Havia, porém, entre os presentes, um dêles que a exaltou com paixão.

— Não conheço música mais gostosa no mundo! — dizia êle.

E justificou:

— Sabe a coelho com batutas...

BRINDES

OFEREÇO esta pequena nota aos autores da opereta *Lisboa-1900* em cena no *Variedades*. No dia 3 de Janeiro, há 41 anos, realizou-se no teatro da *Trindade* o benefício dum dos mais populares actores da época, o actor Santinhos. Nesse tempo, ainda se davam brindes aos festejados. Aqui ficam para exemplo, alguns que o Santinhos recebeu nessa noite: uma abotoadura de brilhantes, de Júlio Caldas; uma cigarreira de prata, do actor Queiroz; uma carteira de coiro da Rússia, de João Morais; um corte de fazenda, do empresário Taveira; uma fotografia com dedicatória, de Esculápio...

Bons tempos! Hoje nem já o meu amigo Esculápio oferece a fotografia aos actores e o original — às actrizes...

GUALDINO

OS ditos de Gualdino Gomes, mocidade eterna, dariam um volume. Aí vai um dêsses ditos, ao acaso. Um dia, falava-se, diante dêle, de certa senhora que, ao perguntarem-lhe a idade, respondera ingènuamente que «já vira passar vinte e duas primaveras...» Logo Gualdino:

— Pobre senhora! Já cegou pelo menos há quinze anos...

GOYESCA

REALIZOU-SE há dias no *Campo Pequeno* uma corrida a que a Emprêsa quis chamar «Goyesca» e que a rèclamou revestida duma desusada magnificência. O espectáculo parece não ter, entretanto, correspondido ao rèclame exagerado que dêle se fêz. Quando o cortejo, aliás duma pobreza franciscana, desfilou na praça, ouviu-se uma voz, autêntico reflexo do clamor geral:

— Ao menos cantem a «Balalaika»!

O IRAQUE

FERREIRA de Castro realizou há há dias, no S. Luiz, uma conferência sôbre êste estranho país do Médio-Oriente. Alguém, a quem êle ofereceu generosamente um bilhete, preguntou-lhe, a propósito do trajo que devia levar à conferência:

— É de fraque?

Resposta de certa pessoa que estava ao lado:

— Não. É de Iraque!

PREMIÈRES

NO dia da primeira representação do *Pátio do Vigário*, no Avenida, dizia-me João Bastos, pálido de pudor:

— Noite de *première* de peça minha, tenho a impressão de que cometi um crime — e de que polícia anda à minha procura...

VERSOS E REVERSOS

Há quem afirme que as mulheres que se entretêm a escrever melhor fariam se se entretivessem a bordar. Nem sempre esta opinião é exacta. Existem, na verdade, muitas mulheres que são péssimas escritoras, mas outras há — temos de reconhecê-lo — que, comunicando à «sua literatura» as suas próprias características femininas, se convertem, embora à primeira vista paradoxalmente, em excelentes homens de letras.

Eis o caso de Fernanda de Castro. Esta rapariga culta, inteligente, sempre risonha, levou quarenta anos para chegar pontualmente aos vinte, mãe de dois filhos que, sem favor, podiam ser pais dela, é, literàriamente, pela segurança de processos, pela nitidez do estilo, pelo «savoir-faire» da sua prosa e dos seus versos — qualidades que o Adão académico reivindica em exclusivo para o seu sexo — não uma escritora, mais ou menos improvisada, mas um real e autêntico escritor. Simplesmente êsse escritor usa saias, pinta os lábios, faz as sobrancelhas — e ondula-se com permanência. Quere dizer: essa mulher é intelectualmente um homem; êsse homem é elegantemente uma mulher.

Tôda a sua obra, desde A Cidade em flor às Danças de Roda, reflecte esta desconcertante dualidade. Os seus livros têm qualquer coisa de bengala «pomme d'or» — e de renda de bilros. Fernanda de Castro dá espiritualmente o braço a Fernando de Castro — que é afinal (curiosa coïncidência) o pseudónimo doméstico de António Ferro. — «Mas não terá defeitos esta senhora?» — está já a preguntar o leitor impaciente, convencido de que esta página deve possuir a picante ferocidade das abelhas. Defeitos certamente que os tem. O que seria mesmo do mundo, se não fôssem os nossos defeitos! Mas em Fernanda de Castro há, literàriamente, uma qualidade que vale oiro: o amor pela nossa língua. Só é pena que às vezes ela se esqueça disso — decerto pelo hábito oficial de falar línguas estranhas. Ainda há dias — o que ela riu depois! — ao convidarem-na para fazer parte duma comissão destinada a pugnar pela vernácula pureza da nossa língua, respondeu com a maior convicção dêste mundo:

— All right. Con mucho gusto. J'adore le portugais...

O ESPÍRITO DE LEÃO XIII

O pápa Leão XIII — cuja figura tanto agora se tem recordado a propósito da célebre encíclica *Rerum Novarum* — foi sempre um homem de espírito. Um dia, era êle ainda cardial, o marquês de X... mostrou-lhe uma caixa de rapé, obra preciosa, em cuja tampa havia uma miniatura representando uma mulher semi-núa.

— Que lhe parece, Eminência?

— Nada posso dizer-lhe, marquês — respondeu o futuro Pápa — sem saber se esta miniatura representa a senhora marquesa...

LINHA DE DEFESA

ALMEIDA Amaral, conhecido escritor de teatro e solteirão *enragé*, tem uma criada, mulher já de certa idade, e que constitui para o seu ilustre patrão uma verdadeira linha de defesa.

Há dias, bateu à porta de Almeida Amaral um sujeito com o ar de cobrador.

— O sr. Almeida Amaral?

A criada:

— Saiu...

— Era por causa dum dinheiro que eu lhe desejava entregar...

Imediatamente a criada:

— Saiu... mas já voltou!

LEAL DA CÂMARA

O ilustre caricaturista — naturalmente já sabem — fêz da Rinchôa, na linha de Sintra, a sua segunda Pátria. Agora vai construir ali uma autêntica cidade, para o que já comprou o terreno — e até um rio... O concelho de Sintra encontrou decididamente em Leal um grande urbanizador. Até já lhe chamam por lá o Leal da Câmara... Municipal!

COMENTÁRIO

UM entêrro passa sob as janelas da *República*, na Rua da Misericórdia. Comentário do administrador do jornal, António Maria de Carvalho:

— Oxalá não seja o entêrro de algum assinante...

A CADEIRA

DIZIA-ME uma vez um domador de leões:

— Sabe qual é a primeira coisa com que se querem domesticar? Uma cadeira. A fera começa por cheirar, de longe, o objecto; pouco a pouco vai-se aproximando; mira-o; remira-o; e acaba por imaginar pacificamente que ali há feitiço...

Seria por tudo isto que puseram o nome de *cadeiras* às disciplinas universitárias? Mas, nesse caso, quais serão as feras?

JOÃO DE DEUS

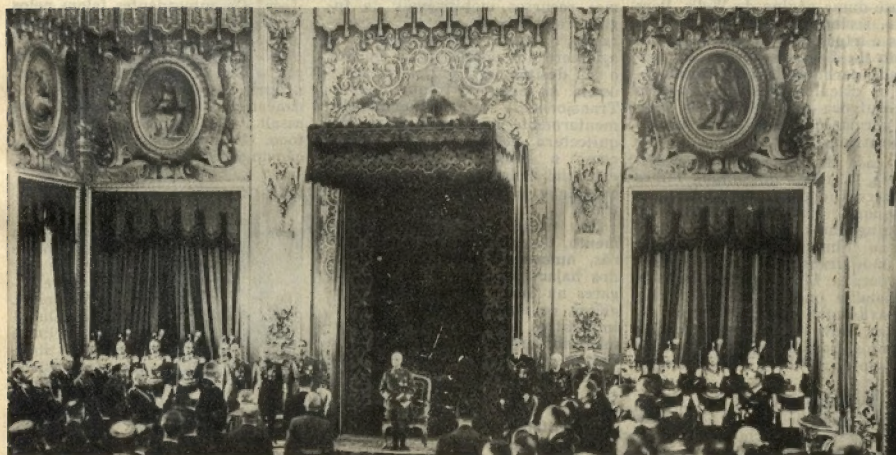
A primeira vez que Barjona de Freitas deu aula na Universidade de Coimbra postou-se à porta da sala recebendo, segundo a praxe, a reverência dos discípulos. Nisto, vê entre êles João de Deus, seu antigo condiscípulo. Não pôde conter-se e exclamou:

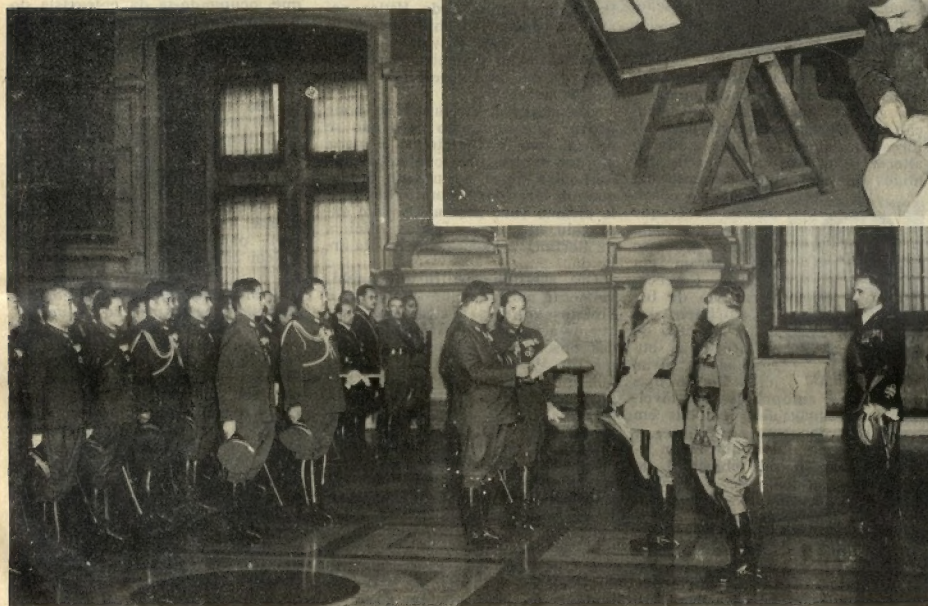
— Pois tu és ainda estudante, João? Há quantos anos...

— Então que queres?! — respondeu o grande poeta. Isto para mim é o cêrco de Tróia!

Luís D'Oliveira Guimarães

AS VEDETAS RÁPIDAS estão destinadas a um importante papel nesta guerra. Alemães, ingleses, americanos e italianos constroem-nas em grandes quantidades e empregam-nas com os mais variados fins. A foto que publicamos mostra-nos uma formação de vedetas rápidas da Marinha de guerra italiana em acção no Mediterrâneo contra barcos de guerra inimigos.

Imagens da ITALIA na guerra

O REI DA ITÁLIA preside na sala do trono do Palácio do Quirinal de Roma à histórica cerimónia da designação do Duque de Spoleto para rei da Croácia — uma nova nação europeia, sacrificada ao povo iugoslavo.

OS SOLDADOS DA AVIAÇÃO ITALIANA exercitam-se para a formação de batalhões especiais de paraquedistas. Vemos aqui alguns dêles procedendo à complicada operação de colocar o paraquedas no seu respectivo invólucro.

O CHEFE DO GOVÊRNO italiano recebe, no Palácio de Venesa, os cumprimentos dos membros das missões militar e naval japonesa que foram à Itália para observar os pormenores da guerra europeia.

PANORAMA INTERNACIONAL

Horas Inquietas

por Francisco Velloso

VAMOS para o fim da Primavera. A situação internacional varia de cariz quási de semana para semana. Há por todos os quadrantes um derrame inestancável. Pressente-se que, de momento a momento, o quadro da guerra de há um mês se transverterá modificado nos seus dispositivos e nos valores que jogam no tabuleiro.

Alguém prevenciou em devido tempo que iríamos assistir a uma guerra com aspectos intercontinentais. Já não se trata de aspectos, mas de tendências, que manifestamente obedecem a preconcebido plano alemão. Só tal não aconteceria se a França ainda estivesse em frente da Alemanha — e isto mesmo revela com exactidão a situação eminente da grande nação latina e o seu papel na história da civilização europeia. Desaparecida ou abolida ela como inimigo combatente da Germânia, o conflito tomou lògicamente a orientação de colocar uma Europa diante da América, alimentada pela África e pela Ásia.

EM CRETA

CUNNINGHAM

Vinham de dia para dia a avolumar-se as prevenções de que a resistência britânica na defesa de Creta não podia manter-se. Churchill já dera contas aos Comuns das importantes perdas navais que a Armada Real sofrera para obstar ao desembarque por mar de fôrças atacantes. No dia 1, um comentador diplomático formulava: *Se Creta se perder...* Nesse mesmo dia (tal qual como na Grécia) o Ministério da Guerra inglês publicava o comunicado de que, após doze dias de ferozes combates, fôra decidida a retirada das fôrças inglêsas da ilha, somando 15 mil homens, e que as perdas haviam sido importantes. Os alemãis anunciavam ter feito 10 mil prisioneiros. Disse-se em tempo que andavam por mais de 35 mil os soldados britânicos de guarnição, afora o material que os servia. Quanto às perdas alemãs, hão de ter sido necessàriamente proporcionais a estas, em gente e em aviões. É claro que jàmais o dirão de Berlim. A conquista da ilha só pôde fazer-se à custa de centenas de aparelhos empregados nela. Só contra a esquadra inglêsa, num dia, foram empenhados mais de quinhentos. Para fazer descer 40 mil homens em aviões de transporte são precisos mais de mil aparelhos. O esfôrço concentrado da aviação alemã coincidiu com uma forte diminuïção nos ataques ao arquipélago inglês. Êste facto pôs de novo em causa as disponibilidades do marechal Goering. Na pressão moral que é também uma arma poderosa de guerra, sôbre a opinião pública, pelo terror, espalharam os serviços da propaganda alemã (que valem incomparàvelmente muito mais que os da inglêsa sob todos os aspectos) poder o marechal fazer sôbre a Grã-Bretanha um teto de 30 mil aparelhos. Os técnicos sorriram como diante duma página de Wells. Para tanto, seriam precisos 300 mil pilôtos e tripulantes e, sobretudo, um fundo de disponibilidades em material e carburantes que excede todos os cálculos possíveis. Todavia é inequívoca a supremacia da aviação germânica, como o é a das esquadras marítimas inglêsas.

O caso de Creta pô-lo em evidência. O crítico do *Sunday Times* declarava no dia 1 de Junho que, conquanto parte da esquadra de Cunningham causasse graves perdas ao inimigo ao sul da Sicília, êle pôde transportar novos reforços para a Líbia, aproveitando-se da batalha que no mar de Creta ocupava outra parte da mesma esquadra. Nova lição dêstes acontecimentos, para os que vão abrir-se no Egipto, na Síria e no Próximo Oriente.

Na fronteira egípcia, durante os últimos dias de Maio, a batalha reavivara-se. «A Síria continua a ser uma zona de perigo», asseverava aquêle crítico, ao mesmo tempo que, por ordem de Darlan, o general Dentz se aprestava para uma defesa que manifestamente equivalerá na hora própria a juntar suas fôrças às alemãs que ali tomarão bases contra Chipre e contra o Iraque.

NO IRAQUE

Foi neste último país que os inglêses ùnicamente conseguiram obter uma compensação para tantos desaires, dominando no dia 31 de Maio a revolta chefiada por Raschid Ali que fugiu para a Pérsia, levando o reizinho Faiçal II, segundo se disse sem confirmação.

Êste facto facultou de novo aos inglêses uma possibilidade de resistência de grande valor, e falamos de resistência porque êles próprios dizem haver ainda numerosos alemãis em Mossul com aviação. Se fizerem convergir para ali fôrças bastantes da Índia, poderão alterar os propósitos dos seus inimigos que desembuçadamente declaram que continuarão no Iraque a guerrear pelo mesmo processo que usaram em Creta. Carecem para isso de bases, a primeira das quais é a ilha de Chipre e as outras as da Síria, onde Darlan lhas deu e dará, cumprindo inevitàvelmente as obrigações tomadas em Berchtesgarden com o «Führer», e negociadas por Laval que assim levou a cabo o seu objectivo de aliançar pràticamente a França com a Alemanha. «A tonelagem mercante francesa está ao serviço da Alemanha. O tráfego marítimo entre o norte de África e Marselha é, na sua maior parte, em benefício da Alemanha, e tem sofrido pouca interferência da nossa parte», dizem de Londres. O lôgro é manifesto. A reacção inglêsa virá a tempo?...

RASCHID ALI

É esta interrogação tremenda que todo o mundo formula.

Na luta no Próximo Oriente, há-de contar-se com todos os enormes recursos mobilizáveis da Inglaterra, contanto que ela, recuperando o muito que já perdeu, os aglomere nos pontos vitais em que o seu destino imperial estremece e oscila. As terras do Iraque, como a Transjordânia e a Palestina são elementarmente fundamentais na arquitectura do Império britânico, como o gonzo de Singapura é essencial à defesa das posições do Oriente e às ligações com a Austrália.

Mas é de crer que neste momento, tal como sucedeu nos Balcãs, numerosos alemãis desfardados hajam ocupado já os seus lugares na Síria, cujo ataque os inglêses, ou alguns inglêses têm por imperativo inadiável, visto os desmentidos provindos de Vichy e de Berlim *não dizerem senão que não há tropas alemãs* naqueles territórios do antigo mandato francês, e não *que lá não existem alemãis*, o que é diferente e não é crível. Os próprios telegramas acusam a sua presença na construção de fortificações, e quem deu os aeródromos contra letra expressa do armistício. dá o resto.

SÔBRE A IRLANDA

DE VALERA

O pior desta questão que inquieta o mundo em sobressaltos crescentes é que os próprios despachos londrinos de informação não reflectem indícios de que a Inglaterra vai passar à ofensiva. Preguntam todos onde Hitler vai atacar e onde Churchill terá de se defender, o que equivale a confirmar que é ao primeiro e não ao segundo que ainda pertence a iniciativa da acção.

O exemplo de Creta, diz-se, pode provar que o mesmo caso não se repete com a Inglaterra, armada até aos dentes. Esta conjectura desenhou-se quási ao mesmo tempo que um formidável bombardeamento alemão (não assinalado nem explicado nos comunicados oficiais de Berlim) a várias cidades da Irlanda.

Ora, a atitude neutral inconcebìvelmente mantida por De Valera é um dos grandes perigos para um ataque à Inglaterra. Há sempre fôrças obscuras na Irlanda, clamava um dia Winston Churchill ao parlamento inglês. A sua profecia trágica verificou-se. A Irlanda furtou os seus portos ao abastecimento britânico e a bases para a armada real. E, o que é péssimo, não se armou nem deixou que a armassem, sabendo-se antecipadamente em Dublin que as esquadras aéreas do Reich podem transportar tropas e material. É certo que, nessa hipótese, as posições que vimos em Creta, estariam às avessas, cabendo aos alemãis as semelhantes às dos inglêses de Freyberg em Creta, e haveria ainda de contar com a Irlanda do norte, radicalmente fiel à Corôa. Mas seria o inimigo ao pé da porta. Há dias o govêrno inglês houve de renunciar à mobilização em Belfast. E há quem garanta que De Valera não pratique um volta-face? Os antecedentes falam pelos conseqüentes e vice-versa. Êste problema, mesmo em hipótese, não foi pôsto até hoje porque não havia lugar a êle, mas abriu-se na hora própria e está, a partir de hoje, escancarado. Chipre ameaçada de assalto. Suez minado. A Irlanda em foco. Os laços apertam-se. A reacção inglêsa virá a tempo?

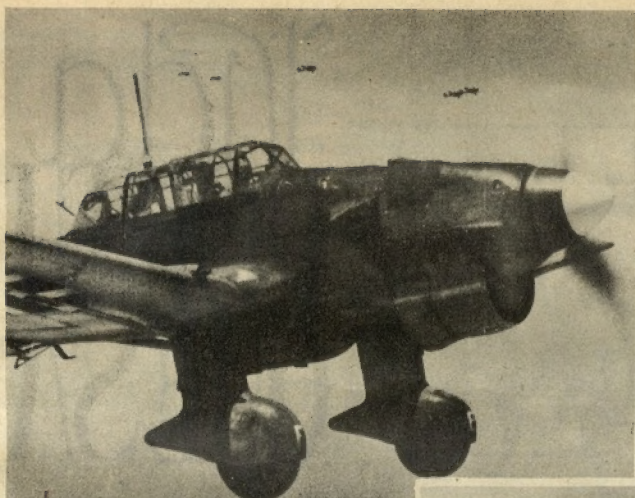
UMA CONFERÊNCIA EUROPEIA?

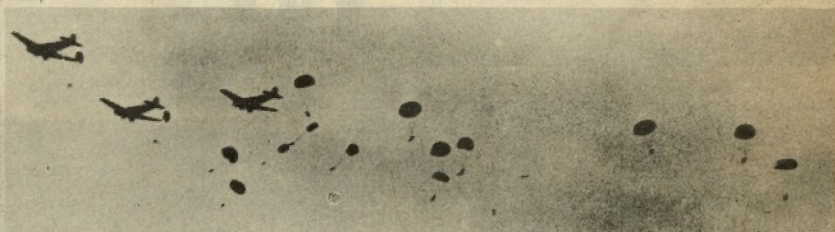
FUNCK

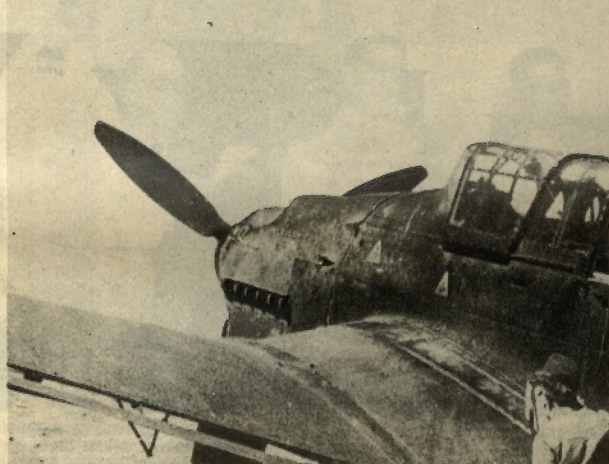
A agravar esta tensão, realizou-se a entrevista de Brenner entre Hitler e Mussolini. Já dali o «Duce» cominou Berlim a respeitar a liberdade da Áustria. Há quanto tempo! Depois ali mesmo, se ajustaram as bases do famoso «Eixo», e se concertaram, a falsa neutralidade italiana, e a entrada de Roma em guerra, depois de durante nove meses se abastecer de óleos e carvão à sombra da política pusilânime de Neville Chamberlain.

Agora, como então, nova conferência. Que se passou? É naturalmente presumível que se assentassem os planos de novas investidas. Mas o principal aparece entrecerrado nestes dizeres intencionais da Imprensa italiana e sobretudo — o que tem muito mais valor — da agência oficial de Vichy:

«É neste sentido que se orientam as indiscrições apresentadas esta tarde pela «Tribuna», de Roma, que, ocupando-se da entrevista do Brenner, se refere «ao berço da nova Europa» e «ao cadinho onde se preparam os destinos de vários povos» e examina as probabilidades de uma paz continental, afirmando a possibilidade da Europa passar do estado de guerra ao estado de paz sem esperar que esteja definitivamente ganha a guerra contra a Inglaterra. Esclarecendo esta ideia, a «Tribuna» acrescenta: «A Grã-Bretanha está, daqui por diante, fora da Europa. É o bastante para a instituição da nova ordem europeia».

Verdadeiro «clou» desta complicadíssima perturbação mundial, esta notícia tem todos os visos de verdade, e já alguns a previam ou conheciam. Uma conferência dos Estados europeus — e não seria impossível que todos lá estivessem representados por «fas» ou «por nefas» — no verão ou no outono, estudaria a aplicação integral do plano Funck, para uma Europa que enfrentaria as necessidades da própria resistência, levantando diante da América do Norte um pendão de revolta tendo inscrita a divisa de Monrõe. E é possível que, ainda desta vez, o americano médio continue a olhar para as cotações de câmbios em Wall Street...

PARAQUEDISTAS
Alemães em Creta

PARAQUEDISTAS ALEMÃES E TROPAS TRANSPORTADAS DE AVIÃO ocuparam a ilha de Creta, vencendo a admirável resistência das fôrças do general Freyberg. Damos nesta página um documentário inédito do que foi, nessa operação militar, a acção dos paraquedistas. Aviões do Reich, provenientes dos Balcãs, atingem as costas da ilha e lançam milhares de soldados.

OS PARAQUEDAS ABREM-SE e, dos «Junkers», saiem, ininterruptamente, homens armados e equipados, que se concentram e começam imediatamente a tomar posições para se proteger do inimigo.

O ESTADO MAIOR das fôrças alemãs aterradas, que também foi lançado de avião, reúne-se e principia a dirigir as suas numerosas tropas por meio da rádio.

AOS AERÓDROMOS já ocupados pelas tropas alemãs, chegam constantemente aviões que trazem grande número de fôrças alpinas e especialistas. Entretanto, os paraquedistas, com o auxílio das suas metralhadoras, principiam o avanço.

Vida PORTUGUESA

LILIAN HARVEY, que foi grande artista do cinema europeu, chegou a Lisboa há dias, convalescente dum recente desastre que sofreu. Vêmo-la na foto, acompanhada de alguns jornalistas portugueses, pouco depois da sua descida do avião no aeródromo de Sintra.

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA convidou há dias os jornalistas portugueses e os representantes das agências telegráficas estrangeiras para um passeio pela cidade, a-fim-de poderem admirar os grandes melhoramentos ùltimamente realizados pelo Município. Foram visitados, entre outros, os seguintes locais: rua Luciano Cordeiro, avenida Almirante Reis, Mercado de Arroios, rua Carlos Mardel, Praça do Areeiro, Praça do Chile, Praça da Portela e acesso ao aeroporto; bairro de Casas Económicas da Encarnação, Parque Florestal do Monsanto, obras da auto-estrada, o local onde vai ser construído o novo bairro da Ajuda, etc. Damos, em cima, dois aspectos da visita: no miradouro de Montes Claros e nas obras do aqueduto da auto-estrada no Alto do Carvalhão. O passeio terminou com um almôço na Ajuda (em baixo, à esquerda).

O SR. DR. MANSO PRETO DA CRUZ tomou posse do cargo de director do Hospital da Marinha, em substituïção do sr. dr. Júlio Gonçalves que deixou aquêle lugar por ter sido atingido pelo limite de idade. A oficialidade e o pessoal daquêle estabelecimento hospitalar prestaram homenagem aos dois ilustres oficiais e médicos, que se vêem na foto durante a sessão solene que, por essa ocasião, se efectuou.

EM CIMA: Dois aspectos do embarque de novos contingentes de tropas e de material para refôrço da guarnição militar dos Açôres. — À DIREITA: A selecta assistência à sessão inaugural da VII reünião da Sociedade Anatómica Portuguesa no anfiteatro de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa — na qual se vêem os melhores anatomistas e histologistas portugueses.

EM CIMA: Dois aspectos da homenagem do regimento de infantaria I aos mortos da Grande Guerra, junto do monumento da Avenida da Liberdade. À DIREITA: Os náufragos do vapor de pesca português «Exportador I», que foi bombardeado no dia 1, quando regressava das pesqueiras de Cabo Branco, por um submarino de nacionalidade desconhecida. Morreram a bordo o 1.º maquinista e o mestre das rêdes. Os restantes membros da tripulação vieram para Lisboa. — (Fotografias feitas com película «Ferrânia»).

O MARECHAL PÉTAIN, não obstante os seus 84 anos, continua a desenvolver, ao serviço da França, uma prodigiosa actividade. Vêmo-lo aqui, com alguns membros do seu govêrno, a receber os jornalistas americanos em França.

O casamento na CHINA

Aprazado com muita antecedência, na China, o casamento celebra-se, em geral, no Verão. E, quando surge a Primavera, a jóvem chinesa sorri para a Natureza que transforma campos e jardins em mantos de pétalas...

...É que a Primavera é, para ela, o anúncio da Felicidade. Começa então a tratar da casa e da indumentária. A decoração do lar e o atavio das vestes são obra sua. Depois, vem o casamento — melhor, os casamentos, pois as cerimónias, por medida económica, são, em geral, feitas em série. O acto é importante, o mais importante da vida. E os chinêses, sempre meticulosos, costumam ensaiar a cerimónia várias vezes para que os noivos não se enganem nos usos da praxe... O «ensaio geral» é ridículo, mas emotivo.

Finalmente, surge o grande dia. O cortejo nupcial organiza-se com todo o aparato, mas a jóvem chinêsa não é considerada ainda suficientemente importante para ir à direita do seu noivo... Ela veste de branco e leva na mão um ramo de flôres silvestres colhidas por sua mãe nos jardins da casa. Êle traz no peito a flor artificial que é o sinal do noivado no seu país.

O I CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS NATURAIS inaugurou-se com uma sessão solene na Sociedade de Belas Artes, a que assistiu o Chefe do Estado.

A SOCIEDADE CORAL DE LISBOA tomou parte no concêrto recentemente efectuado em S. Carlos, de homenagem à benemérita instituição Cruz Branca.

O PROF. CAMPOS COELHO no acto inaugural da sua exposição no S. P. N.

O CLUBE DE CAÇADORES DO PÔRTO ofereceu um banquete ao grande atirador português Tavares Valente, que regressou há dias de Madrid onde ganhou brilhantemente o campeonato de Espanha no torneio ultimamente ali efectuado.

O HUMORISMO DA VIDA REAL

O HÓSPEDE DO "UM" por Armando Ferreira

Nas horas amargas que o mundo passa, em transformação para mais justa ordem de coisas, sucedem extraordinários factos que ninguém jamais pôde imaginar em romances ou novelas. Contados, julga-os o leitor ficção ou imaginação do literato. Pela nossa parte, confessamos, que se fôsse êste episódio invenção nossa, davamo-vo-lo como original. Assim, sendo verdadeiro, é apenas página de reportagem da Lisboa acolhedora e pôrto de abrigo em 1940.

À porta do Hotel, em plena Avenida, parou o longo «Rolls-Royce». Os oitenta cavalos relincharam ao mesmo tempo quando o condutor lhe premiu qualquer órgão vital, e acabaram por se aquietar. Então, do lugar do «chauffeur» saltou um verdadeiro «lord», de sobretudo de pele de camelo, como muitos que vemos para aí (os sobretudos, é claro), «côco» castanho inglês (das côres que se usam em chapéus altos e côcos os ingleses continuam a preferir a castanha), anéis de brilhantes em todos os dedos. Naquele salão móvel, que comportaria pelo menos dôze pessoas duma família burguesa em passeio ao domingo, não vinha mais ninguém. Embrulhos, caixas, atados de roupa, malas no porta-bagagens. Poeira, muita poeira internacional, porque o carro traz combinações de letras que nada significam em português. Sua excelência vem no êxodo. Tem um bigodinho à americana, mas o cabelo é negro e o olhar não é de espanto nem curiosidade.

O «groom» e o porteiro aproximam-se da porta.

— Monsieur? Pas de places... Desolé mais...

— Desejo um quarto, com casa de banho...

— Mas... Vossa Excelência fala português? Estamos cheios. Nem um lugar... — escusa-se com maior razão o homem dos botões brancos quando descobre que se trata dum compatriota...

— Pago o que quiser mas não saio daqui. Veja bem. Preciso um «appartement», seja por que preço fôr.

— Eu vou chamar o gerente — resolve o porteiro quando vê nos dedos do recemvindo aqueles brilhantes argumentos de muitos quilates.

O gerente, da família dos grilos, de fraque preto e colete de tal fantasia que parece papel pautado de música, traz o lápis, um bloco de papel e o sorriso de espertalhão que sabe aproveitar-se das situações.

— Impossível... Impossível. Cheios de estrangeiros. É para muitos dias?

— Um mês ou mais. Pago o aluguer de seis meses se quiser. Aqui tem. Quanto é?

Abriu a carteira, e as notas de dólares esverdinhadas fizeram desenvolver-se instantâneamente as faculdades do gerente.

— Só se fôr o «número um». Estava reservado para a Princesa Rikiki. Chega amanhã... É um quarto, salão de luxo, «toilette», casa de banho. 500 escudos por dia por pessoa...

— Está bem. Mande pôr as malas no quarto. E mande-me à Alfândega levantar a bagagem. São trinta volumes...

Só se fôr o «número um». Estava reservado para a Princesa Rikiki.

— Oh! Quem devo registar no livro dos hóspedes?

— Ezequiel Marques.

— Marquês?

— Não, homem, Marques. E diga-me cá, onde posso eu ir hoje ouvir uns fadinhos? Ando com umas saüdades...

O gerente coçou a cabeça e foi a pensar, depois de o ter elucidado: «parece-me que é melhor ir prevenir a polícia».

* * *

Jantava só, evitava conversas, mas a fama já correra de que era dono de «burra gorda». Os dólares continuavam a ser bons, as notas de conto não eram desafinadas, passava cheques com cobertura, as malas vinham cheias de preciosidades de que pagara fartos direitos e às preguntas com que o assediavam respondia invariàvelmente:

— Tive de desfazer a minha casa de Paris! Saí dois dias antes da ocupação. Se eu não fôsse português não podia ter salvo a minha fortuna! Que viagem! Felizmente aqui estou...

— Adeus, ó Marques...

Era um sujeito de monóculo, cara de apreciador do maior produto nacional aos copinhos, que o assaltava.

— Sou eu. O Aparício. Não te lembras? Lembras sim. Andámos na escola juntos. Foi na Politécnica, me parece. Tu andaste na Politécnica? Não? Eu também não. Então foi noutra qualquer escola. Isso pouco importa, contanto que nos lembremos que fomos companheiros do liceu. Estás bom! Vamos dar uma passeata? Ao Estoril. Tu jogas? Danças? Apresento-te umas perúas...

Mas o Marques limitara-se a sorrir, sem saber que dizer.

— Agora não posso. Estou a descansar. Vim sòzinho por aí abaixo, quási debaixo de fogo!

Entre as mulheres era o mesmo sucesso:

— Repara Lóló, que simpatia! Mal empregado ser solteiro!

— Tem tipo de bruto, mas eu gosto dos homens assim, a valer. E êste é de pêso. Olha os «cachuchos»...

Elas sorriam-lhe e êle punha os olhos no chão. Chegavam a segui-lo, e assim, descobriram que o milionário andava a pé, parava em frente dos cartazes e aborrecia-se pelas ruas. À noite, viram-no entrar para o Olímpia, mas, para o cinema!

Quando o porteiro soube, pela bisbilhotice das hóspedes do 14, donde êle vinha a coçar-se, comentou:

— Ó diabo! Hoje é que êle dorme acompanhado! Mal empregados lençóis de linho para um tipo dêstes! Se calhar é espião...

* * *

Dez dias depois, a viscondessa da Cruz Alta, dava uma pequena festa para introduzir, embora contra vontade, Ezequiel Marques na sociedade lisboeta.

A viscondessa, casada com um diplomata reformado, convidara para o hotel algumas amigas e amigos, que observaram Ezequiel dos pés à cabeça e o apalpavam em abraços de amizade sincera.

— Oh! minhas senhoras, eu não mereço estas manifestações. Gosto do meu sossêgo, do silêncio à minha volta.

— Porque não sai no seu carro? Dizem que é um «Rolls Royce» digno de S. Magestade o rei de Inglaterra! Não tem «chauffeur»! Porque não toma um?

— Não tenho confiança em nenhum! Um carro daqueles precisa de quem o trate como uma joia.

— Então apareça na quinta-feira em minha casa! Jogamos o «bridge»... Um pouco forte, mas o que é isso para si? Joga o «bridge»?

— Só a bisca lambida.

— Oh! que original!

— Onde viveu em Paris? Com quem se dava? Não tinha amigos?

— O barão de Rothbild era muito meu amigo. Passeava muito com êle.

— O que precisa é criar novas amizades na sua terra. Parece estranho! Com a sua fortuna não será difícil conseguir um casamento distinto.

Os cavalheiros destas cavalheiras olhavam-no sobranceiramente, mas intervinham:

— Vocês deixem o nosso querido amigo. Isto em um tipo cheirando a Paris, as madames caem-lhe em cima como moscas! Venha daí, Marques; «você» bebe um «cocktail»? Um «whisky»?

— Para mim, senhor visconde, basta-me um copinho de tinto...

Marques sorria, diabòlicamente, daquela gente que andava em redor da sua misteriosa personalidade.

A Esterzinha Pessanha, casadoira e fluida como um pecado nocturno da Costa do Sol, atreveu-se a preguntar-lhe, com os olhos «boquiabertos»:

— É verdade que você tem um alfinete de gravata com uma pérola do tamanho de uma uva?

— É, mas...

O «groom» veio anunciar que estava no «hall», um homenzinho que queria falar ao senhor Ezequiel Marques.

— O gerente já lhe disse que o senhor não estava porque deve ser um refugiado para o «cravar». Mas o tipo teimou! É já velhote e de barbichas...

Ezequiel, amorfo e indiferente, comprometido e modesto, reanimou a sua expressão; os olhos tomam brilho: larga os amigos e corre ao vestíbulo. Readquire personalidade, vive alegria.

— Ah! Monsieur le baron!

Espeça-se em frente do homenzinho mal vestido, de barbichas e olhar ainda aterrado! E falam em francês.

— Estou contente de ver o senhor barão. Estava já inquieto pela sua demora. Felizmente chegou tudo bem. Trouxe o carro sem novidade. As joias da senhora baronesa, as preciosidades do senhor barão estão a salvo. A transferência do dinheiro fêz-se com tôda a facilidade. Nem em França, nem em Espanha, se perdeu qualquer coisa. O senhor barão precisa é dum banho e descansar. E eu também, senhor barão. Esta vida de gente rica é um aborrecimento! **Ainda bem que chegou...** meu patrão! Vou tratar do carro que bem precisa depois daqueles dois mil quilómetros!

— Merci pour tout, Márquês.

* * *

E o «groom» em surdina para o porteiro:

— Afinal êle sempre é Marquês!? Mas que trapalhada!

FIGURAS DO MOMENTO INTERNACIONAL

Franklin Roosevelt

PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS da América do Norte há 8 anos, tem ainda mais quatro à sua frente para terminar uma obra que empreendeu num momento excepcionalmente grave para a vida mundial. Franklin Roosevelt — de cuja fisionomia reproduzimos quatro expressões diferentes durante um dos seus recentes discursos — é uma caso único na vida do seu país. Político e orador, humanista e dirigente, dêle se pode dizer que é figura que não esquecerá fàcilmente e cuja projecção na História mundial será tão grande como foi a dos grandes chefes e orientadores do povo norte-americano.

TRÊS ASPECTOS CURIOSOS DA VIDA DE FRANKLIN ROOSEVELT: Em cima, durante uma reünião familiar na casa do Wyde Park, o Presidente com a espôsa, os filhos, Franklin e John, e as noras. Ao centro, uma das animadas reüniões semanais de Roosevelt com os jornalistas nos jardins da Casa Branca. Em baixo, o Presidente conversando animadamente com a sr.ª Roosevelt durante um passeio de automóvel.

A felicidade não espera

Uma novela de amor por Alice Ogando

AO é uma velha a mulher que acaba de se apear do combóio e, todavia, torna-se difícil definir-lhe a idade. Trinta? Quarenta anos? Mais, não. É alta, elegante, olhos negros onde brilha o fogo vivo dos desejos e das esperanças. A boca rubra, de lábios um tanto grossos, empresta-lhe frescura, mocidade ao rosto um tanto macerado, denunciando vestígios de sofrimento recente. Na sua cabeleira negra e farta, brilham já uns fios de prata. Tem o passo firme e resoluto e, quem a vir, pode dizer, convencido: aquela mulher caminha para a felicidade.

Um dos raros motoristas que esperam passageiros oferece-lhe o «taxi».

Ela recusa com um gesto e segue o seu caminho, maleta na mão e passo lento. Parece não ter pressa de chegar ao seu destino.

E, na verdade, Carlota de Monforte não tinha pressa. Os seus olhos, amorosamente, pousavam em tudo que a rodeava. Saüdava cada árvore com um sorriso, como a uma velha amiga e, em cada casa, caiada de branco, casta e sorridente, ela demorava o olhar como para se certificar de que tudo estava na mesma, de que a sua aldeia não mudara de aspecto, como ela quisera não ter mudado também.

A recemchegada pôs-se a subir a íngreme ladeira que começava em frente da estação e ia dar ao Solar dos Cisnes. Ao passar perto da pequena fonte que, cá em baixo, oferece o seu frescor a quem passa, Carlota pousou os seus olhos negros naquela água cristalina que jorrava mansamente da velha fonte, cantando como menina melancólica.

Tantas recordações, tantas! Ah! mas a vida encaminhara-a enfim para o seu verdadeiro destino e ela voltava segura, confiada de que tinha a felicidade à sua espera.

Coisa curiosa: Desde que abalara, sentia-se envelhecer dia a dia e, de súbito, voltava atrás e via-se outra vez menina, apenas com mais compreensão humana, mais conhecedora do mundo e das suas ciladas, sabendo gozar enfim a dádiva de um grande afecto.

Aproximou os lábios secos da água cristalina e teve a sensação de a beijar, a essa água eternamente moça que continuava a oferecer-se, serena e boa ,como há oito anos. Mirou-se na água espelhante e viu o seu rosto. Achou-se mais nova, melhor, fresca como a água, igual ao passado. Como é bom dar um salto sôbre o tempo, voltar ao ponto de partida e recomeçar!...

Pôs-se de novo em marcha, lentamente, e o passado acudia-lhe à memória à medida que se aproximava do Solar.

Viu-se nova, muito nova, vestindo já o luto da viuvez. Seu marido, vinte e cinco anos mais velho, com quem a levaram a fazer um casamento de conveniência, resolvera prudentemente restituir-lhe a liberdade, desaparecendo do número dos vivos.

Mas, para que da sua pasagem na vida dêle ficasse alguma coisa, o usurpador da sua mocidade deixara-lhe nos braços a pequena Joaninha, essa que ela desejaria que pudesse ser, de futuro, todo o seu amor.

E assim passou um ano lento e triste em que ela tentara baldadamente ser mãe. A mulher moça que vivia em si, reclamava imperiosamente os seus direitos, mais do que amor — que encontraria talvez bem perto de si — pedia-lhe vida, agitação, prazer.

De Lisboa, vinham-lhe cartas aliciantes escritas por alguém que dizia querer-lhe muito... Hesitava ainda entre deixar a filha e partir, quando, certa noite, um facto singular veio acordar os seus nervos adormecidos e dizer-lhe até que ponto era ainda mulher.

E, ante os seus olhos, a cena repetiu-se.

Fazia um luar magnífico. Ela, ponderando mais uma vez as promessas de ventura que lhe vinham de longe, passeava no jardim solitário. De súbito, Paulo, o jóvem médico da terra, amigo íntimo da casa, surgiu na sua frente.

Ela sobressaltou-se:

— Que aconteceu, Paulo. Joaninha...

Êle tranqüilizou-a:

— Sossegue, não é da pequenita que se trata, Carlota, é que eu resolvi hoje não aceitar mais a intimidade de sua casa sem lhe dizer a verdade que calo há tempo... sem saber porquê. Eu gosto de si, Carlota, quere ser minha mulher?

Ela riu. Há muito adivinhara o sentimento que Paulo acabava de lhe confessar com tão juvenil entusiasmo. No fundo, lisonjeava-a um bocadinho aquela côrte discreta e tímida.

Atendendo aos seis anos que tinha mais do que êle, Carlota tomou um ar maternal e respondeu:

— Não seja criança, Paulo. Bem sabe quanto o estimo, mas é por enquanto minha intenção não casar... Depois...

Êle não a deixou continuar:

— Depois... entre mim que a amo e o barão de Monforte que, sendo primo de seu marido, não teve pejo de a cortejar sempre, a Carlota não hesita... Entre o homem que a ama e aquele que a deseja, escolhe o último, é natural...

Ela encarou-o com severidade:

— Ouça, Paulo. Admitindo que é verdade o que diz que direito tem...

Não foi êle que a interrompeu mas o ardor da sua mocidade, o fogo da sua paixão:

— Que direito tenho? O que me dá a verdade do meu amor por si. E se isto não bastar, Carlota, tenho o direito da minha amizade que me obriga a dizer-lhe que o barão é um aventureiro, um...

Ela gritou:

— Cale-se. Não é digno de um homem de bem insultar quem não se pode defender.

Paulo reconheceu a sua culpa, mas sentia bem que Carlota corria perigo, por isso resolvera falar. E já que não devia dizer-lhe o que sabia do outro, dir-lhe-ia tudo de si próprio.

A figura de Carlota, agora batida de luar, era quási irreal.

Então, o seu entusiasmo falou por êle. Sentia-se capaz de tôdas as ousadias, de tôdas as renúncias. Herói, santo, martir ou criminoso, tudo êle seria por obra de um raio de luz que vestia Carlota de sonho. Tudo era irreal naquele momento: êle, a mulher, o cenário, o próprio amor.

Êle estava agora tão próximo que o perfume que aquele corpo amado emanava, entontecia-o como um vinho capitoso. Sentia-se possesso de amor e de volúpia. E as palavras que Paulo disse então tinham um tal timbre de verdade que, oito anos volvidos, estavam ainda indelèvelmente gravadas na memória e no coração de Carlota. Aos seus ouvidos, a voz dêle voltou a murmurar, como se o tivesse à sua beira:

— Amá-la-ei sempre, Carlota, hoje, àmanhã, tôda a vida. Um homem como eu não muda. Sei que vai partir para os braços dêsse homem que é para si a ilusão. As mulheres não vêem nunca a felicidade onde ela está, com essa ânsia de correr atrás do sonho. Sei que o meu amor não a poderá deter. Vá. A sua pequena Joaninha está quási restabelecida, se é por isso que esperava. O meu dever de médico obriga-me a dizer-lhe que nada tem a recear. Vá se é êsse o seu destino. Aqui, ao meu lado, podia ser mulher e mãe. O outro quere só a mulher. Pobre Joaninha... mas não imagine que quero enternecê-la... Vá, sim, mas longe ou perto, àmanhã ou daqui a muitos anos, saiba que existe um coração inteiramente seu.

Ela balbuciou, em voz sumida:

— Mas quem lhe disse que eu parto? É uma fantasia sua, sem razão.

— A Carlota bem sabe que eu sei que é verdade, que todos o sabemos nesta casa, sua sogra, os criados... até a pequena Joaninha parece adivinhar

De costas voltadas para a grade, um par de namorados trocava juras de amor

que vai perder qualquer coisa, tão triste anda...

Êle estava tão perto que ela sentia no rosto aquela respiração ofegante. O luar fazia dos dois agora um floco de luz.

Num gesto brusco, êle pegou-lhe na mão que levou aos lábios, num beijo que tinha o desespêro de um adeus. Carlota estremeceu. Coisa estranha: ela não amava Paulo e, todavia, sentia êsse beijo no coração, a sua carne moça vibrou como nunca. Quando voltou a si da singular emoção, êle tinha desaparecido.

De Lisboa veio uma carta mais insistente e ela partiu sem tornar a ver Paulo.

Só a uma promessa, o barão não faltou: a do casamento. Carlota era bastante rica e êle bastante arruinado para que desprezasse tão preciosa prêsa. Mas a venda em breve caíu dos olhos razos de lágrimas da pobre Carlota. Egoista, vaidoso, vulgaríssimo conquistador de tôda a espécie de mulheres, o barão em breve passou a deixá-la só com as suas recordações.

E, nas noites de vigília, desiludida, triste, Carlota recordava as palavras de Paulo, o fogo da sua paixão.

Da sua aldeia, chegavam-lhe cartas lacónicas da sogra: a filha estava bem, linda, uma mulher.

Então, Carlota pensava, com espanto, em como podia estar uma mulher aquela garota que deixara com oito anos! Ai! o tempo!

Sentia-se culpada para com a pequenita, a quem não se atrevera a voltar a ver. Trocara-a por um estranho e ela já tinha idade para compreender o que havia de monstruoso nêste procedimento.

E ela não tinha coragem de lhe dizer: eu queria viver, viver, viver!

Mas, quanto mais se sentia desgraçada e só, mais as palavras de Paulo a perseguiam como uma obsessão: «Hoje, àmanhã, tôda a vida»...

Uma cantora de ópera, roubando-lhe o marido, restituíu-lhe a liberdade.

Tinham passado oito anos. Carlota encontrou-se outra vez sòzinha, e agora os seus braços vazios não embalavam, como outrora, a pequena Joaninha.

Sòzinha! Então, lembrou-se que, lá longe, uma filha e um amor lhe estendiam os braços.

E a esperança voltou a cantar no seu coração. Chegaria de surprêsa. A sua exaltada imaginação, a ânsia que sentia de um nada de ventura, fê-la imaginar a filha, contente, estendendo-lhe enternecidamente os braços e Êle, aquele que fôra, afinal, o seu maior amor, apertá-la-ia ao coração e repetiria como dantes: «Hoje, àmanhã, por tôda a vida!».

Tinha agora 38 anos, mas o espelho dizia-lhe que não deixara de ser bela.

O «Deus a salve» de um camponês que passou a seu lado, fê-la voltar a si. Uns passos mais e o velho Solar surgiu ante os seus olhos, visão conhecida e amiga que parecia também sorrir-lhe nas rosas brancas que cobriam o gradeamento.

O coração batia-lhe agora desordenadamente. Tinha anoitecido e o luar banhava a terra com a sua luz de prata. Era o passado que voltava! Parecia-lhe que nunca dali saíra, que voltara atrás e até que ouvia a voz dêle, do Amor. Sim, afinal, Paulo fôra o único amor, dizia-lhe a recordação daquele beijo que um dia sentiu na sua mão e lhe acelerara o sangue, num frémito de amor.

Cada vez mais a mêdo, Carlota aproximou-se. Agora, se estendesse as mãos, tocaria nas grades que as rosas cobriam. Ficou parada um momento, diligenciando vencer a súbita cobardia.

De repente, chegou até ela o som de vozes. Perto, dentro do jardim, um homem e uma mulher falavam, ou antes murmuravam qualquer coisa que ela não conseguia perceber. O luar era cada vez mais claro. Carlota afastou a trepadeira e espreitou. Ao princípio, não pôde crer no que os seus olhos viam, julgava-se vítima de um pesadelo, de uma alucinação.

As palavras, que pouco antes eram só um murmúrio, avolumavam-se e chegavam-lhe distintamente aos ouvidos.

De costas voltadas para a grade, um par de namorados trocava juras de amor. Ela era esguia, grácil, delicada; êle robusto, alto, elegante. A voz daquele vulto, embora semelhante à de outro, era um nadinha diferente, só o entusiasmo, a mocidade era a mesma. Êle dizia:

— Meu amor, a certeza de que me quere bem é a vida para mim...

Carlota estremeceu. Falando de amor, a voz voltava a ser igual.

Êle continuou, cingindo a cintura fina da rapariga:

— O meu coração é inteiramente seu, Joaninha. Hoje, amanhã, eternamente.

Uma vòzita de criança, musical e dôce, repetiu, como um eco:

— Eternamente, Paulo!

No céu, muito azul, acenderam-se novas estrêlas, fachos luminosos saùdando um amor nascente.

O par agora tinha-se voltado... Carlota via-os bem...

Tudo era igual, tudo era o mesmo, as palavras, o entusiasmo que as ditava, o homem, a mulher.

Por momentos, sentiu uma grande amargura no coração... Oh! Como é pequeno o «eternamente» de um homem...

De dentro, do jardim, chegou até ela uma gargalhada feliz, infantil. Estremeceu. Era o seu riso antigo... Então, êle não a traíra, era a ela ainda que amava hoje, que tinha amado ontem, que amaria eternamente! Era ela sim, bem se via, na rapariga que êle enlaçava, ela mais nova, tal como Paulo a merecia. Tudo era o mesmo, tudo, até a mocidade! Deus seja louvado, ela não envelhecera. Oh! a vida não se engana. Ela, se aparecesse, seria o passado, a desilusão. A filha, essa era a esperança, o presente, mais ainda, o futuro!

Cumpria-se assim o seu destino, ela dava-se a Paulo inteiramente, pura e linda, sem passado.

Pegou na maleta que pousara e começou a descer a ladeira que subira há pouco... De seus olhos, como da fonte velhinha, a água caía em fio... Não bateria àquela porta, não perturbaria aquela paz. Ela pertencia ao passado, devia desaparecer, dar passagem ao presente... à vida. Sentia-se menos criminosa em face da filha que abandonara. Deixava-lhe o amor.

Carlota compreendeu dolorosamente que a felicidade não espera. Quando ela passa ao nosso alcance, é preciso agarrá-la bem.

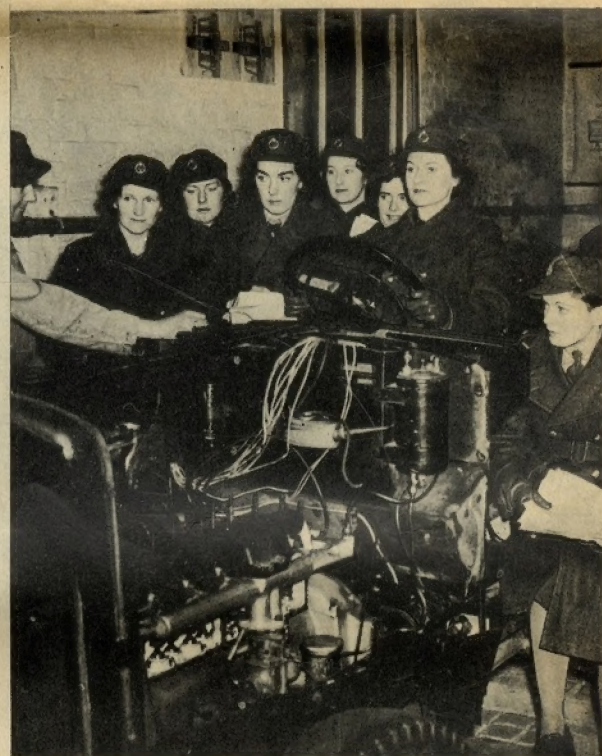
Quando chegou cá abaixo, a fonte cantava ainda. Parou a escutar o seu murmúrio. Era uma voz. Quem sabia se lhe dizia, no seu dôce falar: «Coitada! Coitada!» Compreendia que, dentro de si, qualquer coisa tinha morrido...

Mirou-se outra vez na água da fonte, agora tôda batida pelo luar. Sorriu, tristemente. Como era velha! Como envelhecera desde há pouco! Como era velha, principalmente, comparada com aquela criança que tinha a sua voz, o seu rosto, o seu corpo e que ouvia, como ela ouvira, um dôce «ternamente!».

À sua volta, o silêncio da noite pesava como uma montanha. Só a fonte, no seu eterno cantar, quebrava o silêncio angustioso.

Então, Carlota, sòzinha, pequena ante a imensidade da noite e da sua desilusão, deixou-se caír, vencida, junto à fonte velhinha e, mergulhando as mãos ávidas na água que jorrava, soluçou:

— Porque não hei-de eu ser como tu, sempre menina, como ontem, como hoje, eternamente...

A MULHER INGLÊSA CONTINUA A DESEMPENHAR PAPEL IMPORTANTE NO AUXILIO AO ESFÔRÇO DE GUERRA. Na foto, vê-se a sr.ª Mackenzie-Grieve, superintendente do Real Serviço Naval Feminino, falando com a sua secretária.

A CONDUÇÃO DE VEÍCULOS É UM DOS SERVIÇOS AUXILIARES QUE EMPREGA MAIOR NÚMERO DE MULHERES. E como, para se ser boa condutora, é preciso conhecer profundamente a mecânica, as mulheres que se destinam a êsse mister recebem lições práticas que lhes dão completo conhecimento dos órgãos do automóvel. A foto mostra-nos um aspecto dum dêsses cursos.

O último encontro no BRENNER

HITLER E MUSSOLINI encontraram-se mais uma vez — a sétima desde o princípio desta guerra. Desta feita, o local da entrevista entre os chefes da Alemanha e da Itália foi o desfiladeiro do Brenner, na fronteira dos dois países, onde já anteriormente se haviam efectuado conversações entre os dois estadistas. A foto mostra-nos um instantâneo do histórico encontro.